

O sagrado no Sul de Angola seus contributos na educação social

Arminda Joana Mendes Bebeca Luís



Resumo

O presente texto tem como finalidade abordar sobre os impactos positivos e negativos que o modulo de historiografia africana teve no seio dos estudantes do curso do Mestrado em “*O ensino de História de Africa*” e possíveis alterações no que toca ao tema escolhido para o trabalho de fim de curso, ou a escolha de um novo tema, tendo em conta as tipologias de fontes a serem seguidas e em ter noção da importância da busca do conhecimento de forma responsável, profunda e com veracidade de modos a não limitar-se somente naquilo que é visão de estudiosos ocidentais e apropriar-se ativamente e de forma lucida, do produto a ser estudado. Sendo a Historiografia Africana, a história da história de África, ou seja, a maneira como a história africana é escrita e interpretada ao longo dos tempos, pensou-se na seguinte questão: De que maneira poderia se estudar de forma mais profunda os contributos dos rituais da cultura angolana para a educação social? Alguns dos rituais a serem estudados são: A cerimónia do Alambamento, e o sagrado em Angola. Assim sendo, o presente trabalho, através da historiografia africana, pretende apresentar os benefícios de alguns rituais africanos na educação social.

Palavras-chave: Historiografia Africana, rituais culturais, Educação e sociedade.

The sacred in southern Angola its contributions to social education

Arminda Joana Mendes Bebeca Luís

Abstract

The purpose of this report is to discuss the positive and negative impacts of the African historiography module on students of the Master's degree program in "Teaching African History" and possible changes in the theme chosen for the work of course, or choosing a new topic, taking into account the typologies of sources to be followed and having a notion of the importance of the search for knowledge in a responsible, deep and veracious manner in ways that are not limited only to what is the vision of Western scholars and appropriately and actively appropriated the product to be studied. Being African Historiography, the history of African history, that is, how African history is written and interpreted over time, the following question was thought: In what way could the contributions of the rituals of Angolan culture to social education be studied more deeply? Some of the rituals to be studied are: The ceremony of the "*Alambamento*", and the sacred in the south of Angola. Thus, the present work, through African historiography, intends to present the benefits of some African rituals in social education.

Keywords: African Historiography, cultural rituals, Education and society.

Introdução

Ki-Zerbo (2010), afirma que os primeiros trabalhos sobre a história africana são tão antigos quanto o início da história escrita, segundo o mesmo autor, os historiadores do velho mundo mediterrâneo e os da civilização islâmica medieval tomaram como quadro de referência o conjunto do mundo conhecido, que compreenda uma considerável porção da África.

Estudos relatam que a África aparece na cena internacional somente a partir dos meados do século XX, devido algumas descobertas arqueológicas que revelaram civilizações desconhecidas, e também devido aos processos das independências. Segundo Ervedosa (1980), se consideradas as primeiras publicações feitas em 1890, como parte da pesquisa, a investigação arqueológica em Angola é antiga, mas o primeiro trabalho conhecido sobre a arqueologia angolana, deveu-se a um oficial inglês em 1818, que abordava no campo da arte rupestre.

No decorrer das aulas de Historiografia Africana enalteceu-se o interesse em estudar com profundidade e clareza os rituais culturais do alambamento³⁸ e rituais ligados ao sagrado do Sul de Angola, recorrendo principalmente as fontes orais e escritas, no sentido de ofuscar a visão europeia que até aqui predomina, no que diz respeito sagrado angolano. Após ter-se realizado o trabalho de campo, relativamente no que diz respeito às tipologias de fontes, viu-se a grande importância de despir-se da preguiça científica e ir ao encontro do conhecimento, vindo muitas vezes de fontes orais de grande importância na cultura e que estão ligados diretamente com os acontecimentos de que relatam. Estas aulas remeteram a levantar a questão de Houtondji (2008), em que medida são africanos os chamados Estudos Africanos? Visto que segundo o autor o estudo da África, faz parte de um projeto abrangente de acumulação do conhecimento iniciado e controlado pelo ocidente.

O ritual do alambamento e seus contributos na educação social

Segundo Onofre (2010), o alambamento em Angola, consiste numa série de rituais, como por exemplo, a entrega de uma carta com o pedido da mão da noiva, oferta em bens e por vezes até mesmo dinheiro. Em Angola, quando um casal de namorados decide dar o passo seguinte, que concite em de contrair o matrimônio, é preciso ter consentimento da família da noiva, depois da família estar de acordo, marca-se a data para o alambamento (pelos tios da noiva) e a família do futuro esposo recebe uma lista de bens materiais e financeiros que o noivo tem de reunir obrigatoriamente (não pode faltar nada) e entregar no dia marcado, ou seja, na cerimônia do alambamento.

Oyewumi (2004), afirma que a marca da modernidade é a expansão da Europa e a

³⁸ Regionalismo em Angola: procedimentos para realização de casamento.

hegemonia deste continente e dos Estados Unidos sobre todo o planeta, e em sector algum, isto é mais profundo do que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, as sociedades e as culturas. Neste parecer a autora converge com a visão do padre Francisco Valente (1985) que tentou interferir negativamente na cerimônia do Alambamento, que é um dos mais relevante e importante ritual em África, particularmente em Angola.

Valente (1985) depois de ter estudado o alambamento no Huambo e arredores, até onde pôde fazê-lo, condenou-o no seu livro, escrito sobre a matéria, como um costume vergonhoso da dignidade da mulher africana e que, por isso, devia ser abolido. Ele afirma que nos Camarões, no tempo colonial haviam ações, da parte de religiosos e do governo colonialista francês, com o objetivo de abolir o alambamento, através de sanções contra aqueles que o praticavam, mas devido a conquista da independência, o governo colonialista não obteve o efeito desejado, já que havia revogado e estava no processo de análise, no sentido de repensar outro método que fosse eficaz. Ainda depois da independência, retomaram-se os esforços para a abolição do alambamento, mas nada se conseguiu.

Na sociedade angolana, uma rapariga por quem se não pague o alambamento, considera-se infeliz e desprezada. Não se considera estimada na sociedade em que vive. Se fizerem o alambamento aos pais, passa a considerar-se notável, e fica, por isso muito feliz. Abolir o alambamento é abrir caminho aos vícios e a imoralidade no seio dessas famílias, pois já não haveria um incentivo para as donzelas levarem uma vida virtuosa e exemplar (MBAMBI, 2010).

Ser mulher em Luanda é muito diferente de ser mulher no Rio de Janeiro, ela é a figura principal das famílias tradicionais angolanas. É ela quem trabalha na terra para alimentar a família, é ela também a que trabalha nas ruas, para além de tudo é ela quem gera os filhos que darão continuidade e poder a esta sociedade. Por isso, “perder” uma filha é perder também uma força de trabalho e como tal, as famílias precisam ser compensadas por essa perda. (LISBOA, 2016)

Mbambi, (2010), descreve o Alambamento como sendo um neologismo que os angolanos criaram para preencher a lacuna verificada na língua portuguesa para designar ovilombo (pedido de casamento) em umbundu; ovilombo vem do verbo umbundu okulomba (pedir). Há quem refira ainda que alambamento vem da palavra umbundu okulemba (alegrar para consolar), por isso alguns pronunciam alembamento em vez de alambamento: porque a retirada da filha para o seu novo lar pode causar alguma tristeza aos pais, e há que consolá-los (com um presente).

O alambamento é visto pelos africanos como um prêmio à noiva pelo seu bom comportamento pessoal e pelo de seus pais que a criaram, porque não é muito fácil educar uma filha em virtudes, dadas as muitas tentações na vida que a espreitam. O bom comportamento

dela pressupõe o bom comportamento dos seus pais, pelo que todos devem ser premiados: a filha e os seus pais! Esse prémio é que é exatissimamente o alambamento!

Raul Altuna (2006), vai de encontro com a visão de Mbambi ao afirmar que, o alambamento não é um ato de compra ou venda (ato de desonra ou humilhação), contrariando o Padre Francisco Valente, embora que em alguns casos esta instituição dê abertura a abusos e prepotências que deformam a mulher, porque simbolicamente a família que recebe mais um membro de outro grupo enriquece, visto que a mulher contribuirá para a procriação. A mulher que dá a prova da sua fecundidade para o povo bantu tem valor merecido, (os filhos representam riqueza) e o aumenta a força de trabalho agrícola. E também é uma forma de premiar e valorizar uma mulher de boa conduta, visto que a beleza, a juventude da mulher, seus dotes e preparação, educação, nível de instrução, saber cozinhar, lavar e passar a ferro, são trunfos que influenciam os jovens a fazerem o alambamento. Em muitos casos, a virgindade reveste-se de valor notável, visto que uma jovem que transmite a sua nobreza, detém uma especial dignidade.

Pode-se também dizer que o casamento tradicional é um ritual de extrema importância em Angola, uma vez que representa a união matrimonial entre duas pessoas do sexo oposto, uma ocorrência característica da cultura angolana, que tem sido realizada desde a antiguidade e que tem sofrido algumas atualizações no decorrer dos anos.

Mbambi, afirma que na visão Africana, as famílias virtuosas, isto é, as famílias que têm filhas procuradas para casamento, dentro de uma sociedade, são as pérolas dessa sociedade. Por isso merecem uma prenda, e o alambamento é essa prenda. Como todas as famílias hão de querer ganhar esse prêmio, o alambamento é visto pelos africanos como um estímulo às virtudes no seio das famílias.

Reza a história que, a História de África é vista ainda como um mistério devido as muitas dificuldades que evidenciam o trabalho de quem pretenda inclinar-se sobre a historiografia africana. A inexistência das fontes escritas, apresenta-se como um grande problema para o historiador africano, que terá de acreditar nas fontes africanas, como as fontes orais para reconstruir a História do povo africano.

O sagrado no Sul de Angola seus contributos na educação social

No decorrer das aulas, fez-se um trabalho de campo, que teve como objeto, pôr em prática uma parte dos conteúdos vistos durante as aulas, no que toca as tipologias de fontes. Depois de se entrevistar o Sr. Carlos⁴⁸ Soba³⁹ há mais de 30 anos, teve-se também a

³⁹ Chefe ou régulo de tribo africana. **Fonte:** Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/soba>

oportunidade de entrevistar o Sr. Morais⁴⁰ que falou sobre as ações a serem tomadas no seio familiar depois de se descobrir a infertilidade num casal, obteve-se as seguintes informações:

Na realidade angolana, os lugares sagrados são restritos, só entra quem for autorizado por um dos componentes indicado junto da Ombala, mas tem que ser um homem ou mulher com grande referência por parte da família e que seja conhecedor do que se passou naquele lugar sagrado. (Kiociquipita, 2018, setembro, Arminda Luís e Tânia Neto)

O Soba destacou os lugares considerados sagrados na província da Huila, que são: os Akokoto, Ombala ou Otyoto, alguns rios e lagoas, Santuários, os lugares onde são realizados os rituais do Efiko e Circuncisão. Na ocasião ele nomeou alguns Akokoto como: Os túmulos dos Reis dos Gambos, Njau, Caluquembe, Chicomba e Kuvango. Ele afirma que o, Akokoto é uma área sagrada onde são enterrados ou guardados os crânios de grandes reis soba, sobas com muita referência. Quando o soba morre, antes mesmo da mulher e os filhos tomarem conhecimento do falecimento dele, o elenco do sobado ou da Ombala tira-lhe a cabeça e só depois é que anunciam a sua morte. Nesta área, não pode entrar qualquer pessoa, mas pode entrar homem ou mulher, desde que seja autorizado por um dos componentes que trabalha na Ombala do Soba. A pessoa que cuida do Akokoto, tem que cuidar devidamente o local, cuidar como se estivesse a cuidar de um rapaz que está a ser, ou foi circuncidado, e durante os dias que estiver lá a cuidar não pode ter contacto sexual com nenhuma mulher.

Silva (2010) afirma que em Angola e em África em geral, o conhecimento era transmitido tradicionalmente às novas gerações através dos ritos de iniciação e de outras formas de educação tradicional asseguradas pelos “mais velhos”, mas, esta transmissão foi alterada pela colonização que, com as políticas de assimilação, tratou de eliminar a cultura endógena e impor aos africanos o modo de vida dos europeus. Lopes (1995), enriquece esta afirmação ao salientar que é do conhecimento comum o facto da historiografia do continente europeu ter sido até aqui, dominada por uma interpretação simplista e reducionista da complexidade efetiva que oferece.

Ombala é uma área onde os anciãos reúnem com o objetivo de resolverem os problemas da comunidade.

Segundo o Soba Sr. Carlos, alguns santuários, também são considerados sagrados, pois ninguém pode entrar nele sem a devida autorização. A pessoa permitida a entrar no santuário, quando estiver dentro pode confessar os seus erros e pedir poderes. salientou que eles não têm feitiço, mas sim poderes. Os sobas têm o apoio das entidades do passado e quando há algum mal como fome, doença, seca na comunidade, os sobas se reúnem nos sítios sagrados

⁴⁰ Nome fictício.

para fazer rituais e pedidos no sentido de darem solução aos problemas da população.

Ao terminar, o soba afirmou que, em alguns rios e lagoas, para que se nade ou se pratique a pesca, sem que haja fins desagradáveis como a morte ou picada de bichos venenosos é necessário que o responsável dos visitantes vá ao encontro do soba para pedir autorização, posteriormente o soba fala com os espíritos, dando a conhecer a chegada dos visitantes, só assim eles não terão surpresas negativas.

A infertilidade no seio da comunidade endógena em Angola

As crenças estavam ligadas aos Mbumba e a fertilidade. O termo Mbumba que apresenta vários significados, identificava-se algumas vezes como uma serpente gigantesca e apontada sempre os espíritos da água e da terra, nas regiões áridas próximas a costa, referia-se principalmente aos Isimbi ou Simbi, espíritos e forças da terra, conhecidos pelo nome de nkita. Estes espíritos eram responsáveis pela fecundidade e pela fertilidade, era também capaz de provocar a esterilidade, a seca, e a doença. (M'BOKOLO, 2012)

Segundo o senhor Morais, quando se descobria problemas de infertilidade no seio de um casal, era necessário que houvesse uma reunião com as famílias direitas do casal. Depois de reunidos, por decisão de ambas as famílias, o casal era submetido a tratamentos endógenos espirituais durante um tempo indeterminado, e caso não surtisse efeitos desejados, as famílias reuniam outra vez. As tias da mulher e as tias do próprio marido em conjunto com a mulher, durante a reunião isolavam-se, no sentido de saber a partir da esposa o desempenho sexual do marido, caso fosse péssima, elas tomavam um outro meio para que o problema fosse solucionado.

As tias escolhiam um irmão ou primo direito do “homem infértil” para ser o gerador dos filhos do casal, sem que este soubesse, era um segredo que a mulher e a família levavam consigo até ao túmulo. Ele ainda enfatizou que depois de o “casal” ter os seus filhos, aquela família deixava de ser motivo de desonra no meio da comunidade e o homem sentia-se capaz, potente e macho, mesmo sem saber que não era pai biológicos dos filhos que criava e a maior parte das vezes, os homens nesta condição morriam sem nunca descobrir o segredo.

Segundo Silva (2010), a construção da cidadania no meio rural, pouco se tem beneficiado da escolarização e da educação estatal, sendo interferida pelos cânones da tradição baseados na diferenciação e na desigualdade entre os géneros, redundando em prejuízo do estatuto da mulher.

O culto aos espíritos terrestres e cultos da fertilidade eram feitos em torno das árvores, acreditavam que os espíritos terrestres davam a saúde e a fertilidade e evitavam a morte e a esterilidade, (BAUR, 2002).

Os rituais do Efiko e Etanda

Durante a fase da puberdade⁴¹ realiza-se uma festa tradicional das comunidades Nhaneca Humbi, Mucubais, Kwanhamas no do Sul de Angola, concretamente nas províncias da Huíla e do Namibe que marca a transição das meninas e dos rapazes da fase de adolescente para a adulta, com maior ênfase na festa do Efiko⁴² tendo em conta o que as adolescentes serão a futuras esposas e nas mesmas comunidades considera-se que quem não passa pelo Efiko é uma mulher sem valor e não pode ter filhos vivos.

Sendo que Etanda são festas masculina de passagem da fase de adolescência para fase adulta, ou seja, é um ato de circuncisão. Segundo os mais velhos destas comunidades esta passagem é encarada como um processo fundamental na educação tradicional por representar a “morte e o ressurgimento para a nova vida” dos jovens. Segundo o costume local, um cirurgião tradicional corta a sangue frio o prepúcio dos jovens adolescentes, num acampamento que dura três a quatro meses.

Assim sendo no final desse rito é ditado pelo regresso dos jovens às suas casas, ostentando novos nomes, cuja dimensão ultrapassa o âmbito familiar o seu regresso, é comemorado de forma festiva. A educação tradicional baseia-se essencialmente na inculcação de valores de práticas e rituais com os quais a comunidade molda o comportamento dos mais novos e os prepara para os futuros papéis sociais (SILVA, 2010), “Apesar da idade, o jovem que cumpre a Etanda é considerado já um homem e pode desprezar um adulto cujo prepúcio tenha sido cortado num hospital convencional”, (TOBIAS DJOLOVOLE, 2014).

Deste modo, aos cuidados e responsabilidade dos pais, as meninas passam a ser responsáveis pelos seus atos quando atingem idades entre os catorze (14) e dezesseis (16) anos, altura em que os seios, por exemplo, já estão crescidos e tradicionalmente devem passar pelo ritual de dar a conhecer à sociedade que já são mulheres.

Segundo Ba, (1972), o governo tem reconhecido a importância do património cultural, que é representado pela sabedoria popular e pelas práticas de educação tradicional, o que o tem levado a adotar políticas culturais que tendem a resgatar o património cultural acumulado nas aldeias para que este não se perca, uma vez que é sabido que nas comunidades tradicionais quando morre um ancião perde-se uma biblioteca.

Nesta festa não se emitem convites, está aberta a qualquer pessoa do bem. Come-se, dança-se "ovindjomba"⁴³ ao som do batuque. Não há "civilizados ou calcinhas", quem se identifica com esta cultura sabe que não há cerimônia, não há formalidades. Quanto mais

⁴¹ A festa da puberdade tem diferentes designações nas várias regiões de Angola. No Sul a festa que marca a transição das meninas para a adolescência chama-se Efiko, na região de Cabinda chama-se Thikumby (LIUANHICA, 2014).

⁴² Efiko: festas de puberdade feminina festa marca a passagem da fase de adolescente para fase adulta;

⁴³ Dança tradicional da parte Sul de Angola apresentada nas cerimónias de iniciação feminina.

peessoas participam na festa mais fama ganha a família. Três dias antes, as famílias sacrificaram ou mataram um cabrito, altura em que os pais perceberam que a filha já é uma mulher.

Os rapazes da mesma cultura entendem que este é o momento de seduzir as miúdas, dando lugar muitas das vezes ao romance em suas vidas, exibindo desta forma os seus trajes possíveis ou imaginários para provocar interesse na menina que agora tem caminho livre para namorar, sem ter em conta que, segundo Fonseca (2010), o romance vai além da realização dos anseios e da satisfação individual, pois incita muitas das vezes as pessoas a desistirem de seus amores, a paz comum.

Na tradição dos povos do sul de Angola, a jovem que se casa ou engravida sem passar por Efiko ou festa da puberdade é uma pessoa sem valor, igual a um bolo sem fermento, não pode ter filhos vivos, azarada, podendo ser mordida por cobras ou vítima de vultos, assombrações e muita coisa má até a sua morte.

Considerações finais

A colonização, através da política educativa assimilacionista, levou a descaracterização da cultura endógena, incluindo também as ideologias marxistas, ou em modelos europeus que combatiam cegamente os saberes culturais endógenos, em muitos países africanos e especialmente Angola (Silva, 2010).

É importante que a África se desfaça da visão ocidental, relativamente no que toca a abolição de práticas culturais que muitas das vezes servem de normas que regularam ou regulam a vida dentro da sociedade. Os governos precisam trabalhar para descolonizar a mente da população dos paradigmas ocidentais, que fazem crer que a cultura endógena é fútil.

Referências

- ALTUNA, R. **Cultura tradicional Bantu**. Luanda: Paulinas, 2006.
- BA, A H. **Aspects de la Civilization Africaine**. Paris: Présence Africaine, 1972.
- BAUR, J. **2000 Anos de Cristianismo em África. Uma história da igreja Africana**. Lisboa: Paulinas, 2002.
- ERVERDOSA, C. **Arqueologia angolana. Luanda: Ministério da Educação da República Popular de Angola**, 1980.
- DJOLOVOLE, T. Grupo folclórico da Cahama apresenta “ Ritual do Etanda”. **Jornal de Angola**. 24 de Julho, 2010. Disponível em: http://jornaldeangola.sapo.ao/cultura/grupo_folclorico_da_cahama_apresenta_ritual_do_etanda. Acesso em: 11 de Setembro, 2020.
- ERVERDOSA, C. **Arqueologia angolana. Luanda: Ministério da Educação da República Popular de Angola**, 1980.

- FONSECA, M N S. **Literatura e “Arquivos da Memória”: Negociação e Dispersão dos Sentidos**. In: SECCO, Carmem Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). *África, Escritas Literárias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: Editora UEA, 2010.
- JORGE, S R (Org.). *África, Escritas Literárias*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: Editora UEA, 2010.
- LISBOA, A. **Alambamento**. Jornal O Globo. 2016. Disponível: [https:// m. oglobo, globo.com/cultura/alambamento-2043998](https://m.oglobo.globo.com/cultura/alambamento-2043998).
- LIUANHICA, A. **Comparação dos padrões de comunicação entre pais e filhos entre uma amostra de Benguela e uma amostra de Cabinda**. Coimbra, 2014.
- LOPES, C. **“A pirâmide invertida – historiografia africana feita por africanos”**. In: **Actas do colóquio Construção e ensino da história da África**. Lisboa: Linopazas, 1995. pp. 21-29
- MBAMBI, M. **O casamento ao longo dos tempos** (Tese de Mestrado na Universidade de Lisboa), pp. 70-81. Portaria nº 6:546, de 22/12/1948, do Governo-Geral da Colónia de Angola.
- M'BOKOLO, E. **Africa Negra- História e Civilização até ao século XVIII**. Tomo I. Ed. Calibri. 2ª ed. Lisboa- Portugal, 2012.
- KI-ZERBO, J. **História Geral de Africa I: metodologias e pré-história da Africa**. Brasília: UNESCO, 2010.
- ONOFRE, C. Angola: **O Alambamento e os rituais do Casamento**. Angola, 2010.
- OYĚWÙMÍ, O. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar: CODESRIA, 2004, p. 1-8.
- SILVA, E. **Educação oficial tradicional em angola: diálogo possível ou contradição irresolúvel?** Universidade de minho- braga / Portugal, 2010.
- VALENTE, F. (Padre). **A problemática do matrimónio tribal**. Lisboa, 1985.

Biografia Resumida

Arminda Joana Mendes Bebeca Luís: nascida na cidade do Lubango, província da Huíla em 1990. Licenciada em

Comunicação Social, pelo Instituto Superior Politécnico Tundavala \ ISPT em 2013, mestranda do curso de Ensino da História de África pelo Isced-Huíla. Exerceu a profissão de Jornalismo em 2013 na Agência de Notícia Angola Press \ ANGOP e atualmente está colocada no Ministério da Educação de Angola como professora do 1 Siclo do ensino Secundário.

Contato: armindabebecaluis@gmail.com